

Carta do editor

O PROFESSOR DICOTOMIZADO

De que somos sujeitos fragmentados, heterogêneos, descentrados, deslocados, clivados etc. etc. ninguém mais tem dúvida. Por isso, causa-me estranheza o espanto de alguns com o fato de que o professor diz uma coisa e faz outra. É claro que o professor acredita no que diz e no que faz e acha que é a mesma coisa. Somos incoerentes apenas aos olhos do outro; dentro de nós mesmos somos totalmente centrados, unificados e coerentes.

Três trabalhos nesta edição, direta ou indiretamente, tratam da diferença – ou semelhança – entre a teoria e prática, todos envolvendo a questão do livro didático e às vezes mostrando que a teoria na prática é outra. A diferença fica com os dois textos iniciais e a semelhança com o último texto, na seção livre da revista, em que o autor, corajosamente ao meu ver, assume uma posição assumidamente controversa da aprendizagem da língua. Provocar o debate foi a principal razão desse longo e abrangente relato de experiência.

NESTA EDIÇÃO

As pesquisas

Os dois primeiros textos abordam a questão do livro didático no ensino da língua materna e da língua estrangeira.

Luciane Kirchhof Ticks, em *O livro didático sob a ótica do gênero*, analisa quatro livros didáticos para o ensino do

inglês. Sem desqualificar o uso do livro didático, aparentemente preferido pela maioria dos professores, a autora questiona neles a ênfase quase exclusiva no sistema de expressão da língua. Propõe o ensino da linguagem sob a perspectiva do gênero, com a identificação dos valores e das ideologias do contexto sócio-cultural em que professores e alunos estão inseridos.

Rute Izabel Simões Conceição, em *A leitura no livro didático: uma dicotomia entre o discurso e a prática*, analisa as diferentes concepções de leitura (interacionista, sócio-histórica, discursiva) e sua relação com o livro didático, incluindo a voz de especialistas da área, dos PCNs e do próprio Ministério de Educação. A conclusão da autora é de que há uma dicotomia entre a teoria e a prática. O que é teoricamente exposto na apresentação do livro está alinhado pela política do MEC e dos PCNs, com ênfase na concepção sócio-histórica de leitura, mas as atividades realmente propostas seguem uma orientação tradicional, numa visão mecanicista de leitura.

Qual é a força do verbo na frase? Até que ponto ele é capaz de decidir quais são os argumentos de que ele precisa? E se a station wagon baixar o banco? E se o Pinóquio crescer o nariz? Foi com essas perguntas em mente que li o texto de Herbert Andreas Welker, *A valência verbal em três dicionários brasileiros*, onde o autor investiga um tópico pouco pesquisado em Linguística: a valência verbal, definida como o “conjunto de relações estabelecidas entre o verbo e seus argumentos ou constituintes indispensáveis”. A idéia é de que na medida em que for possível determinar os argumentos de um verbo (sujeito, objeto etc.) pode-se fazer a análise sintática da frase, estabelecendo seus constituintes e suas fronteiras. Acredito que o tópico é de interesse, não só para o ensino da

língua, mas também para a Linguística Computacional, onde poderá contribuir para os estudos do processamento automático da língua.

Ensaios

Iniciamos a seção de ensaios com o trabalho da Professora Maria Antonieta Alba Celani, *Questões de ética na pesquisa em Linguística Aplicada*, em que se discutem os valores e os problemas de ordem moral que devem preocupar os pesquisadores de qualquer área e de qualquer paradigma de investigação. A relevância da ética na pesquisa é facilmente percebida pelos aspectos que são levantados, não só pelos exemplos clássicos de consentimento informado, usufruto dos resultados obtidos etc., mas também por detalhes que me pareceram muito ilustrativos, tais como publicação precoce, co-autoria inadequada, maquiagem de dados etc.

Adail Sebastião Rodrigues Júnior, em *Metodologia sócio-interacionista em pesquisa com professores de línguas: revisitando Goffman*, propõe a sessão de grupo e a observação participante como ferramentas metodológicas que podem ser usadas pelos professores de línguas para investigar suas práticas docentes. A conclusão é de que o mapeamento das teorias de Goffman pode auxiliar o professor a melhor compreender seu espaço de atuação social no contexto face a face da sala de aula com alunos, colegas e o pessoal administrativo.

Clemilton Lopes Pinheiro, em *Organização tópica do texto e ensino de leitura*, propõe uma metodologia de ensino da compreensão textual baseada na noção de topicalidade, apresentada como princípio de organização textual. A idéia é de que tanto leitores como escritores proficientes usam a organização tópica do texto, linear e hierárquica, para identificar,

por exemplo, informações centrais e periféricas e chegar ao sentido global do texto.

José Marcelino Poersch, em *A new paradigm for learning language: Connectionist artificial intelligence*, faz uma análise do modelo conexionista dos últimos vinte anos. O autor conclui chamando atenção para a controvérsia do impacto conexionista na inteligência artificial, ou seja, até que ponto o paradigma conexionista complementa ou suplanta as atuais abordagens de aprendizagem da língua.

Resenhas e seção livre

Na seção livre da revista, apresentamos uma seleção de resenhas de livros publicados recentemente, um texto da Professora Maiza Fatureto, sobre uma proposta de ensino da leitura e um relato de experiência do Professor Stephen Mark Gil Silvers, da Universidade de Manaus, sobre o ensino de inglês no Estado do Amazonas. A proposta do Professor Silvers (Gil), com ênfase no método Total Physical Response (TPR) de Asher tem gerado controvérsias no meio acadêmico. Há aqui dicotomia entre a teoria e a prática ou seria este um caso em que a teoria e a prática seriam a mesma coisa? Deixo essa pergunta para os leitores. A idéia ainda é acender o debate.



Vilson J. Leffa
Editor